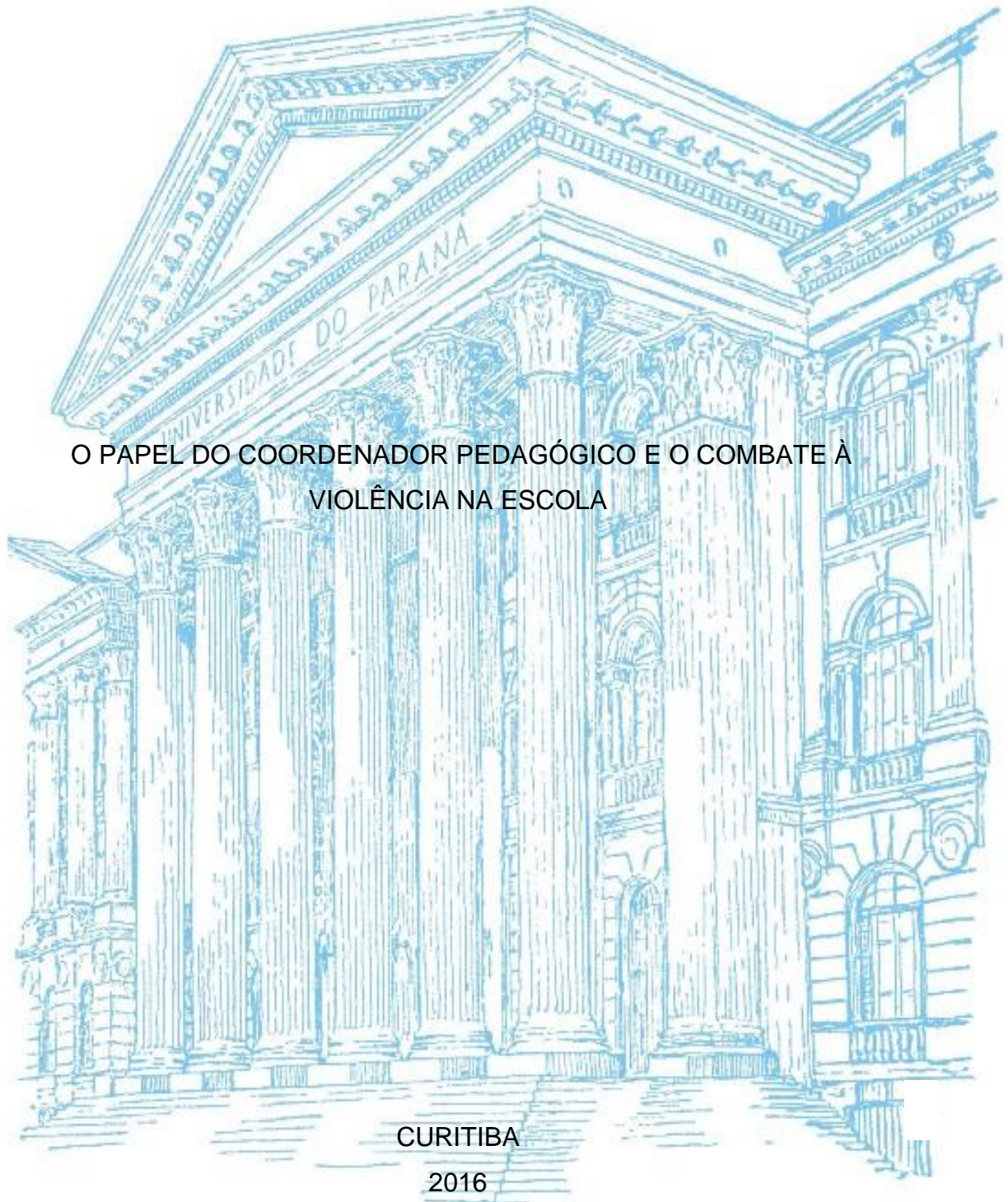


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROSANE ARAUJO DA ROSA LIMA

O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO E O COMBATE À
VIOLÊNCIA NA ESCOLA



CURITIBA

2016

ROSANE ARAUJO DA ROSA LIMA

**O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO E O COMBATE À
VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Ms Camila Siqueira Gouvêa
A Costa Gonçalves

CURITIBA

2016

O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO E O COMBATE À VIOLÊNCIA NA ESCOLA

ROSANE ARAUJO DA ROSA LIMA¹

RESUMO

O presente artigo tem como objeto de estudo, a violência no âmbito escolar, abordando conceitos, fatores causadores de violência, e as formas que se apresentam na escola. O objetivo da pesquisa é analisar na literatura o papel do pedagogo no combate à violência na escola. O estudo justifica-se por constatar a violência que atualmente ocorre nas escolas sendo motivo de discussões entre os educadores e pesquisadores da temática. Entre os pesquisadores selecionados para conceituar e definir violência no meio escolar buscou-se: (CHARLOT 2002), ABRAMOVAY (2003 e 2005) junto com outros autores que contribuíram com pesquisas da UNESCO, DEBARBIEUX E BLAYA (2002), GONÇALVES (2010). Para a compreensão do papel e ação pedagógica na intervenção e combate à violência, pesquisou-se FREIRE (1996), PRIOTTO e BONETTI (2008), e LIBÂNEO (2001) a legislação se deu pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional-LDB 9394/96. A metodologia realizou-se através do levantamento bibliográfico que propiciou o debate teórico com pesquisa em livros, no Google acadêmico, Scielo e Ambiente virtual de aprendizagem-AVA. A pesquisa propiciou um melhor entendimento da atuação do coordenador pedagógico no combate à violência, a formação e reciclagem dos profissionais, a abertura da escola para a promoção de projetos que incentivem a cultura e o esporte, a aceitação em considerar o educando como protagonista do conhecimento e diálogo.

Palavras-chave: violência na escola; coordenador pedagógico; combate e intervenção.

¹ *Artigo produzido pela aluna Rosane Araujo da Rosa Lima do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves. E-mail: pedagoga.rosanelima@gmail.com

ABSTRACT

This article is an object of study, violence in schools, addressing concepts, factors causing violence, and forms that are presented at school. The objective of the research is to analyze the literature the role of the pedagogue in combating violence at school. The study is justified by noting the violence currently taking place in schools and why discussions among educators and researchers of the subject. Among the selected researchers to conceptualize and define violence at school sought to: CHARLOT 2002), ABRAMOVAY (2003 and 2005) along with other authors who contributed to UNESCO research Debarbieux And BLAYA (2002), GONÇALVES (2010). To understand the role and pedagogical action in the intervention and combat violence if researched FREIRE (1996), and PRIOTTO BONETTI (2008), and Libâneo (2001) the law was given by the Law of Guidelines and Bases of National Education LDB 9394/96. The methodology was conducted through the literature that provided the theoretical debate with research books in Google Scholar, Scielo and virtual learning environment-AVA. The research led to a better understanding of the pedagogical coordinator role in combating violence, the training and retraining of professionals, the school opening to promote projects to promote culture and sport, the acceptance to consider the student as the protagonist of knowledge and dialogue.

Keywords: violence at school; pedagogical coordinator; combat and intervention.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo, a violência no âmbito escolar, abordando conceitos, fatores causadores de violência, e as formas que se apresentam na escola. Discorre sobre a figura e papel do pedagogo na mediação desta problemática, com a finalidade de combater as formas de violência do cotidiano da escola, seja ela física ou verbal, indisciplinas classificados por Sposito (2012) como atos de violência, incivildades ou *bullying*.

O estudo justifica-se por constatar a violência que atualmente ocorre nas escolas sendo motivo de discussões entre os educadores e pesquisadores sobre o assunto, que argumentam e buscam soluções relevantes para a escola e sociedade. Portanto, o objetivo do trabalho é analisar na literatura o papel do pedagogo no combate à violência na escola.

Entre os pesquisadores selecionados para a proposta deste estudo a alegação das autoras Abramovay e Rua, (2004), duas pesquisadoras que trazem abordagens importantes, sobre os constantes episódios e aumento da violência em escolas:

Afirmam Abramovay e Rua (2004):

Em todo o mundo ocidental moderno, a ocorrência de violências nas escolas não é um fenômeno recente. Este, além de construir um importante objeto de reflexão, tornou-se, antes de tudo, um grave problema social. A sociedade brasileira, por sua vez, vem se deparando com um aumento das violências nas escolas, sendo diversos os episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos atores da comunidade escolar, fato que despertou as atenções das diversas instâncias governamentais, dos organismos internacionais e da sociedade civil (ABRAMOVAY; RUA, 2004, p. 31 - 32).

A incidência da violência não é apenas uma prerrogativa da atualidade, entretanto o que acontece nos dias atuais é o aumento desta violência e as formas como se apresentam (CHARLOT, 2002).

A tarefa de pesquisar o fenômeno da violência na escola é refletir também sobre o papel desta instituição no processo de formação dos

indivíduos. E no que tange a este estudo, o foco é a ação do coordenador pedagógico e demais indivíduos que buscam o bem estar da escola, na perspectiva da diminuição da violência na escola e igualmente “o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores” (BRASIL, 1996).

A partir das considerações em relação às formas de violência na escola e a ação do pedagogo, foi formulada a seguinte pergunta de pesquisa: Qual o papel do coordenador pedagógico no combate à violência na escola?

A metodologia será uma pesquisa bibliográfica, a qual aborda algumas formas de violência, visto que pretende-se compreender o conceito de violência e suas reproduções no espaço da escola, além de argumentar no resultado da pesquisa ações em que o coordenador pedagógico possa desenvolver no combate e prevenção da violência no meio escolar.

O presente estudo percorrerá o caminho da revisão de literatura com os seguintes tópicos: conceitos de violências; reprodução de violência na escola; o coordenador pedagógico e as possibilidades de intervenção no combate à violência na escola. Após a revisão de literatura haverá as considerações finais da pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para realização deste estudo, foi feita uma revisão da literatura que direcionou a pesquisa, argumentação e o debate teórico.

De acordo com Baffi:

Esse tipo de pesquisa é orientada no sentido de re-construir teorias, quadros de referência, condições explicativas da realidade, polêmicas e discussões pertinentes. A pesquisa teórica não implica imediata intervenção na realidade, mas nem por isso deixa de ser importante, pois seu papel é decisivo na criação de condições para a intervenção. BAFFI (2002, p.01).

A metodologia utilizada no levantamento bibliográfico foi através de pesquisa em artigos científicos, com busca na plataforma do Google acadêmico e Scielo, além da legislação educacional. Na busca foram utilizados os descritores “Violência na escola; Combate à violência; Papel do pedagogo”.

- Livros “Violência nas escolas e políticas públicas (2002)” é sobre um apanhado de pesquisas sobre o tema dirigido por duas das maiores personalidades da área, Debarbieux e Blaya que realizaram uma seleção rigorosa de trabalhos.
- A obra “Cotidiano das escolas: entre violências” reúne uma série de trabalhos selecionados e coordenado por Miriam Abramovay do observatório de violências nas escolas (UNESCO 2005), que contribuíram para fundamentação do conceito de violência e seus tipos presentes no espaço da escola.
- Material que possibilitou o engajamento na conceituação da temática: “Narrativas da violência no meio escolar: limites e fronteiras, agressão e incivilidade”. Gonçalves (2002).
- “Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola”. Priotto, Boneti e Wessler” entre outros que colaboram com a fundamentação da pesquisa.
- A legislação presente no trabalho é a LDB 9394/96 e o Caderno de apoio para elaboração do regimento escolar Secretaria de Estado da Educação. Curitiba-PR que colaboraram para concepção e papel do pedagogo. E por fim, a busca do entendimento do papel do pedagogo que se fundamentou através dos autores Priotto e Bonetti (2008), Paulo Freire e Libâneo.

2.1 CONCEITOS DE VIOLÊNCIAS

Abordar o estudo sobre violência nas escolas parece ser um desafio recorrente há tempos em muitas gerações. Charlot (2002) afirma que o fenômeno da violência na escola não é novo, que desde o século XIX já havia

explosões de violência em escolas, o que é novo são as formas que se apresentam.

É necessário compreender conceitos de violência para então, pensar em formas de corrigir e estabelecer estratégias para seu combate no espaço escolar, sobre a importância de conceituar violência escolar enuncia Pereira e Willians (2010 p.46) “essa atitude de expor definições de violência escolar a cada pesquisa apresentada ocorre devido à dificuldade em se adotar uma única definição do que seja violência escolar”.

Na perspectiva de compreensão do conceito de violência, um relatório sobre violência e saúde no mundo apresentado pela Organização Mundial da Saúde - OMS nos expõe a seguinte definição de violência:

“Uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”
(KRUG et al., 2002, p.5, Apud IBGE 2012 p.66)

De acordo com a definição de violência da OMS, é importante estarmos atendo a qualquer ação que resulte em lesão, danos ou privação para os indivíduos, e em específico neste estudo, o cerne de quaisquer ações no espaço escolar (IBGE, 2012).

Segundo Charlot no prefácio do livro da (UNESCO, 2005), sobre a maneira de definir violência ocorrida na escola, ressalta certo embaraço no entendimento sobre o que é razoável e científico sobre o assunto quando presente no âmbito escolar:

Mas a resposta já não é tão clara quando se trata de socos, pancadas e pontapés. Se falarmos em “agressão física”, não hesitaremos em dizer que são violências. Entretanto, iremos incluir nas estatísticas oficiais das “violências escolares” todos os socos trocados entre meninos com oito, nove ou dez anos? Seria mesmo razoável e científico? Quando se afasta das violências físicas, que ficam no centro do conceito de violência, cresce ainda mais as dúvidas e as dificuldades. Admiti-se que o conceito de violência não implica necessariamente a ideia de contato físico e que uma violência pode ser verbal. (CHARLOT prefácio UNESCO, 2005, p. 17).

Sobre o estudo do fenômeno e da compreensão da palavra Violência:

É preciso desconstruir essa pseudo-evidência do conceito. O pesquisador tem de analisar atos, palavras, silêncios, etc. e seus efeitos, sem introduzir de imediato a palavra “violência”. Há agressões físicas que ferem ou matam. Por que é necessário dizer que são “violências”? Há ameaças, mais ou menos graves, insultos. Por que é preciso chamá-los de “violência” ou perguntar se merecem ser considerados “violências”? Por que não é suficiente nomeá-los insultos, ameaças, agressões ou, em outros casos, brincadeiras, incivildades, bullying? Por que supor que fenômenos tão diferentes pertençam à mesma categoria, “violência”? (UNESCO 2005, p. 13)

No cotidiano da escola, segundo UNESCO (2005 p. 18), “incorporar atos, comportamentos, palavras, até pequenas, que causam mal-estar ao indivíduo pode consistir no erro de confundir conflitos e violência”.

Diante de fenômenos tão diferentes, mas que causam um mal estar na escola, para os pesquisadores UNESCO (2005 p.20), propõe proveitoso “o estudo de casos, isto é, dos processos que originaram, em especial na escola, mortes, feridas, ameaças, insultos, angústias, medos, ressentimentos, humilhações, frustrações, desconforto, etc”.

A violência é também apreendida como um fenômeno social associada ao uso da força e poder pelo Estado ou outras Instituições (UNESCO 2005).

A violência como um tipo de relação social, para Michaud (1989):

Há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais. (MICHAUD², 1989, p.10,11 apud ABRAMOVAY; RUA, 2006 p.49)

ABRAMOVAY *et. al.*, apud Silva (2015, p.03), que ressaltam sobre este outro tipo de representação de violência: “a violência simbólica, que é uma forma de dominação que se apoia em experiências coletivas que produzem a necessidade de obedecer às normas, regras e hierarquias sociais sem contestação”.

Percebem-se as diferenciações de fenômenos que a princípio são outras formas de representação, mas que se associam à violência que podem ocorrer

² MICHAUD, Y. A violência. São Paulo: Atica, 1989.

nas escolas, como são os casos de agressividade e indisciplinas. E sobre isso, afirma Gonçalves (2010):

Lembrando que, embora diferente da agressividade e da indisciplina, esses fenômenos não estão totalmente dissociados. É difícil não identificar traços de um dentro do outro. Muitos docentes, certamente, já assistiram em sua sala de aula a um ato de indisciplina de seus alunos (desrespeito a normas) transformarem-se em um ato de agressividade e por vezes em violência física. Assim como muitos alunos já viram docentes fazendo uso de uma linguagem verbal agressiva (gritos e insultos), que aos poucos se transformou em atos de humilhação, de discriminação e de exclusão (GONÇALVES, 2010 p. 01).

Deste modo a agressividade verbal é uma forma de agressão associada à violência, posto que possa gerar a violência física. E, ainda há a linguagem agressiva, que pode partir dos próprios educadores, que se transforma em discriminação e exclusão (GONÇALVES, 2010), e que deve ser considerado pelo coordenador pedagógico.

A cerca da definição de violência baseada em pesquisas de diversos países e pesquisadores, as autoras Abramovay e Rua (2006), consideram que é um fenômeno presente em nosso cotidiano, e se manifesta na sociedade inclusive, através da autodisciplina provocada pelo medo, alteramos gostos e hábitos para evitar sermos vítimas de violência, uma vez que é constante na sociedade.

Sobre as prováveis causas da violência, existem fatores de risco que podem ser determinantes e colaboram para que ocorram atos de violências, são esses fatores: psicológicos, familiares, fatores relativos a colegas, condições econômicas e vizinhança e, circunstanciais Debarbieux e Blaya (2002), o que requer um estudo mais aprofundado sobre estes.

Conforme a obra da UNESCO (2002), há outras distinções conceituais sobre violência e escola: a violência dentro da escola e a violência na escola. “A violência “dentro da escola” pode acontecer, e acontece, em outros lugares. É o caso, por exemplo, quando uma pessoa invade a escola para acertar contas” (UNESCO, 2005, p.20).

Sobre a violência na escola Charlot ao prefaciando uma obra UNESCO (2005) ressalta que:

A violência “na” escola remete a fenômenos ligados à especificidade da escola; por exemplo, ameaças para que o colega deixe colar na prova ou insultos ao professor. Claro que essa violência ocorre também dentro da escola, mas é preciso levar em conta as especificidades da instituição escolar para entendê-la. Por fim, a violência “da” escola é gerada pela própria instituição, sob várias formas, desde a bofetada até a chamada violência “simbólica” (por exemplo, palavras racistas ou de desprezo dirigidas ao aluno). A violência “da” escola ocorre “na” escola e “dentro da escola”, mas pode acontecer que ultrapasse os muros do estabelecimento (quando ocorre nas relações com as famílias e com a comunidade ao seu redor). (³CHARLOT, 2005 apud UNESCO, 2005, p.20).

Sobre o desenvolvimento de pesquisas no que tange a conceituação da violência, Charlot (2002), afirma que pesquisadores franceses distinguem violência: a transgressão e a incivilidade:

O termo violência, pensam eles, deve ser reservado ao que ataca a lei com uso da força ou ameaça usá-la: lesões, extorsão, tráfico de drogas na escola, insultos graves. A transgressão é o comportamento contrário ao regulamento interno no estabelecimento (mas não ilegal do ponto de vista da lei): absentismo, não realização de trabalhos escolares, falta de respeito, etc. Enfim, a incivilidade não contra diz, nem a lei, nem o regimento interno do estabelecimento, mas as regras da boa convivência: desordem, empurrões, grosserias, palavras ofensivas, geralmente ataque cotidiano – e com frequência repetido – ao direito de cada um (professor, funcionários, aluno) ver respeitada sua pessoa (CHARLOT, 2002 p.6)

2.2 REPRODUÇÃO DE VIOLÊNCIAS NA ESCOLA

Para iniciarmos este tópico de estudo é importante o suporte da Lei de Diretrizes e Bases- LDB da Educação que nos conduz sobre a finalidade da educação, logo o objetivo da escola no processo de formação de cidadãos, no: Art. 22 “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996). Criar uma sociedade para o exercício da cidadania, afirma Priotto (2008 p.10), “educar é suscitar modificações significativas nos padrões

³ CHARLOT, B. Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje. ARTMED, 2005.

de comportamento dos alunos por meio da prática educativa”. Eis o desafio da escola diante do contexto atual que se apresenta.

Segundo Priotto e Boneti (2008), apoiados a outros autores do tema de violência na escola como Abramovay (2003) e Charlot (2002), elaboraram considerações sobre a classificação dos tipos de violência que podem está presente na escola, são essas:

- a) violência Física: de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios. Além das diversas formas de agressões sexuais;
- b) agressão Física: homicídios, estupros, ferimentos, roubos, porte de armas que ferem, sangram e matam.
- c) violência Simbólica: Verbal - abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade; Institucional – marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder;
- d) violência Verbal: incivildades (pressão psicológica), humilhações, palavras grosseiras, desrespeito, intimidação ou “*bullying*”. (PRIOTTO; BONETI 2008 p.4).

Dentre as violências apresentadas por diversos autores no trabalho, o termo incivildade é apontado por Gonçalves:

Pesquisadores franceses emprestam o termo incivildade de criminólogos estadunidenses. Estes usam o referido termo para designar "pequenos delitos" que não se encontram no código penal: pular a catraca do metrô, intimidar pessoas, criar situações de constrangimento com algum grau de brutalidade e assim por diante (GONÇALVES, 2002, p.90).

Não é possível definir violência de maneira estática e permanente Abramovay, Cunha e Calaf (2009, p.21) logo, “Incivildades, agressões verbais, humilhações e violência simbólica, dessa forma, entram para o rol de atitudes que podem ser consideradas violentas”.

No tocante às incivildades, afirmam Abramovay, Cunha e Calaf (2009, p.23), “as incivildades são aqueles atos que não contradizem nem a lei, nem os regimentos dos estabelecimentos, mas as regras da boa convivência (desordens, grosserias)”.

As incivildades são consideradas com microviolências:

As microviolências ou incivildades possuem caráter próprio: revelam a transgressão de normas da boa convivência nos espaços públicos. O mundo coletivo pode não ser formado por grupos, normas, regras, significados idênticos. Porém, certas similitudes são exigidas para a compreensão mútua entre as pessoas que fazem parte de uma sociedade. As incivildades se referem justamente ao mau uso dos espaços coletivos, que deveriam funcionar com normas justas, comuns e iguais (ABRAMOVAY;CUNHA;CALAF 2009, p.25).

De acordo com Gonçalves (2002), o comportamento do educando na escola e percebido pelo educador em uma narrativa de que a escola é um espaço seguro, e a abdicação da responsabilidade da família, favorece os problemas de violências na escola:

O comportamento violento tem origem não na escola, mas dentro de casa. Quem perdeu o controle foi a família e não a escola. Ou seja, a escola aparece, nesta narrativa, como um espaço seguro dotado de regras bem definidas. Foram os pais que abdicaram de suas obrigações. Jogam o peso de educar para escola exclusivamente. O desrespeito dos alunos em relação aos professores está na falta de limite e não na crise de autoridade que afeta a profissão docente (GONÇALVES, 2002, p.90).

Segundo Gonçalves (2002, p.91), “O comportamento agressivo do aluno é explicado não só como algo que nasce no lar e em ambientes marcados pela violência”. O referido autor difunde que ambientes violentos geram mais violência. E, Priotto e Boneti (2009, p.06) evidenciam que na escola “o fenômeno tem-se estendido cada vez mais para as séries iniciais e acaba muitas vezes por sair da escola e invadir a vida pessoal, através de mensagens pela Internet e celulares”.

Sobre os reprodutores de violência na escola, Priotto (2008) destaca “a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos a escola) no ambiente escolar”. Para Gonçalves (2002) o fenômeno da violência é tão intenso e difícil de conceituar, que suas pesquisas sobre o assunto tomaram a proporção de compreender o que é “humano e não humano”, diante da perplexidade de atos violentos apresentados à sociedade.

Hoje estamos cada vez mais expostos a eventos marcados por extrema violência, em função do poder da mídia. A cada exposição dessa natureza descobrimos que estamos longe de um conhecimento

mais profundo daquilo que julgamos um "ser humano". As pesquisas sobre esse fenômeno crescem a cada dia. (GONÇALVES 2002, p.86)

A instituição escolar também manifesta situações de violências conforme as autoras: Mirian Abramovay, Marta Avancini e Helena Oliveira (2002) em um estudo sobre a violência na escola que mostra diversas perspectivas e entre essas, exemplos do abuso de poder por parte da instituição, punições dentre outras. E sobre a violência simbólica:

A escola pode ser um lugar privilegiado do exercício da violência simbólica, praticada pelo uso de sinais de poder que falam por si sós, sem a necessidade da força física, nem de armas, nem do grito. São medidas que silenciam protestos, exercidas não só de um estudante para outro, mas ainda na relação professor ou diretor e aluno. (ABRAMOVAY, AVANCINI e OLIVEIRA 2002 p.34).

Conforme Priotto e Boneti (2009) as representações de violência na escola e fatores causadores podem ser originários de causas:

Nos estudos realizados sobre a violência escolar, as causas socioeconômicas, a exclusão social, ou melhor, a falta de acesso, o tráfico de drogas, a falta de oportunidades e de trabalho, a influência da mídia, o rápido crescimento biológico, o tempo livre e ocioso, a falta de perspectivas, falta de um sonho. Todos considerados fatores causadores da violência escolar (PRIOTTO e BONETI 2009, p.05).

2.3 O COORDENADOR PEDAGÓGICO E AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NO COMBATE À VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Quanto à natureza e identidade da Pedagogia. Para Libâneo (2001):

A idéia de conceber o curso de Pedagogia como formação de professores, a meu ver, é muito simplista e reducionista, é, digamos, uma idéia de senso comum. A Pedagogia se ocupa, de fato, com a formação escolar de crianças, com processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas, antes disso, ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa (LIBÂNEO, 2001, p.4)

Sobre a nomenclatura e quem pode ser chamado de Pedagogo, Libâneo (2001, p.9) afirma: “[...] é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente [...]” e atua também nos “[...] processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica”, além dos campos das atividades extra-escolares.

Para a contribuição sobre o papel do pedagogo Lima e Bersanetti (2012, p.10), apontam para um enfrentamento às novas demandas sociais e desafios, logo a função social da escola do século XXI, afirmam:

Compreendermos o papel do pedagogo frente às novas demandas que se apresentam para a função, conseguir dialogar perpassando as várias disciplinas, elaborar planos que consigam dar conta da função social da escola, dos desafios que emergem neste espaço de contradição, garantindo o acesso ao conhecimento científico através de práticas concretas, socializando esses conhecimentos, organizando o trabalho para que a escola funcione seguindo as transformações ocorridas na sociedade em que está inserida e encarar os desafios socioeducacionais do século XXI é o maior desafio das escolas. A compreensão do papel do coordenador pedagógico no âmbito escolar é relevante para o planejamento e direcionamentos que se pode tomar na escola. (LIMA e BERSANETTI, 2012, p.10).

Para Taques *et.al* (2009), o pedagogo tem a função de mediador do trabalho pedagógico em todo o espaço e prática escolar, com o intuito de promover uma educação pública de qualidade.

Para fins de princípios da participação do pedagogo na gestão escolar, a Secretaria de Estado da Educação do Paraná: edital nº 10/2007 de seleção para o concurso público, constitui seguintes atribuição ao cargo:

Coordenar a elaboração coletiva e acompanhar a efetivação do Projeto PolíticoPedagógico e do Plano de Ação da Escola; **promover e coordenar reuniões pedagógicas e grupos de estudo para reflexão e aprofundamento de temas relativos ao trabalho pedagógico e para a elaboração de propostas de intervenção na realidade da escola;** participar e intervir, junto à direção, da organização do trabalho pedagógico escolar no sentido de realizar a função social e a especificidade da educação escolar; 9 sistematizar, junto à comunidade escolar, atividades que levem à efetivação do processo ensino e aprendizagem, de modo a garantir o atendimento às necessidades do educando; participar da elaboração do projeto de formação continuada de todos os profissionais da escola e promover ações para a sua efetivação, tendo como finalidade a realização e o aprimoramento do trabalho pedagógico escolar; analisar as propostas de natureza pedagógica a serem implantadas na escola, observando a legislação educacional em vigor e o Estatuto

da Criança e do Adolescente, como fundamentos da prática educativa; coordenar a organização do espaço-tempo escolar a partir do Projeto Político-Pedagógico e da Proposta Pedagógica Curricular da Escola; orientar a comunidade escolar na proposição e construção de um projeto pedagógico numa perspectiva transformadora (SEED/PR 2007 apud TAQUES; CARVALHO; BÔNÍ; FANK; LEUTZ, 2010 p.8-9). (grifo da autora).

O papel do coordenador pedagógico é relevante dentro da escola, visto que realiza função preponderante de mediação, voltadas para o educando e o educador. O desenvolvimento do papel do pedagogo no combate à violência na escola Seed/PR (2007 p.2) pode se estabelecer a partir, da promoção e coordenação de reuniões pedagógicas, com o objetivo de elaborar proposta de intervenção para os problemas de violência na escola.

Libâneo (1996) apud Lima e Bersanetti (2012) afirmam:

Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta e indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação histórica. Em outras palavras, pedagogo é um profissional que lida com os fatos, estruturas, contextos, situações, referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações. A atuação do pedagogo escolar é imprescindível na ajuda aos professores no aprimoramento do seu desempenho na sala de aula (conteúdos, métodos, técnicas de organização, formas de organização da classe), na análise e compreensão das situações de ensino com base nos conhecimentos teóricos, ou seja, na vinculação entre as áreas do conhecimento pedagógico e o trabalho de sala de aula (LIBÂNEO, 1996, p.127 apud LIMA e BESARNETTI, 2012, p.4).

A prevenção e combate à violência é um debate que deve ser experimentado na escola, compartilhado entre os atores deste espaço, dialogando de forma coletiva e não apenas em ações isoladas. Schilling, (2010) diz, que o instrumento para a transformação da escola, em uma escola não violenta, é o trabalho com o conhecimento, a gestão democrática, o trabalho em conjunto escola-bairro.

Para Freire:

A Educação como uma forma de diálogo constante com o outro; um agir educativo que leve em consideração as novas condições da atualidade; que propicie o desenvolvimento de uma mentalidade democrática, com objetivo de substituir antigos e culturoológicos costumes de passividade, por novos hábitos de participação e intervenção, de acordo com o mundo interno e externo a instituição

escolar, que nos possibilite ser menos inautênticos dentro da forma democrática de governo. A educação como uma firme tentativa de mudança de atitude (⁴FREIRE,2006 apud ROCHA, *et al.* 2012 p.165).

Nota-se que o diálogo é a forma de educar o indivíduo considerando sua cultura, sua origem, seus valores, suas atitudes e as novas condições da atualidade (FREIRE, 2006). Na promoção do diálogo e na busca de soluções para a problemática da violência “faz-se necessário a presença e a participação efetiva de professores, funcionários, pais, alunos, de direção e de líderes da comunidade nas discussões acerca dos caminhos a serem traçados” Priotto (2008 p.5).

O combate à violência na escola pode ser concebido com Paulo Freire (1996) defende, com respeito aos saberes dos educandos, associar o que se ensina com a realidade que estão expostos, suas experiências sociais”, uma inserção ao cotidiano dos alunos, com o intuito de promover o conhecimento e reflexão.

Para Abramovay e Rua (2003), a formação e reciclagem de profissionais da escola, no combate à violência:

A escola pode ser um local privilegiado de combate à violência, mas, para isso, necessita de profissionais respeitados, com conhecimento de pedagogia, cabendo ao poder público investir na formação e reciclagem destes profissionais, como, também, adotar estratégias para fazer prevalecer o direito e os deveres do professor.(ABRAMOVAY e RUA, 2003, p.73).

E ainda, Abramovay, Avancini e Oliveira (2006), defendem uma cultura de paz na escola e propostas que priorizem o protagonismo juvenil, por meio de práticas educativas que incentivem a cultura e o esporte.

Dentre as características da escola Abramovay e Rua (2003 p.74) destacam como um lugar de encontro de diversidade, tecer relações com a comunidade e família, na formação de valores e transmissão de conhecimentos entre pares.

⁴ FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2006. 140 p

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a complexidade do tema é sabido que definir violência não é descomplicado, e nem podemos agregar argumentos simplistas, visto que fora do Brasil e dentro do país, existe uma série de trabalhos que são provenientes de algumas décadas de pesquisas de inúmeras iniciativas públicas ou privadas sobre o assunto.

Percebe-se que os estudiosos da temática de violência na escola tem se esforçado em definir este fenômeno. Este estudo foi realizado com o objetivo de compreender a violência na escola e o papel do coordenador pedagógico frente a esses desafios.

É importante apreciarmos que muito já foi capturado sobre exposição da temática, e que a partir da pesquisa pode-se perceber que atos de violência no ambiente escolar não é um dilema do século XXI, mas que há tempos a escola vivencia suas representações. E como sabemos, vivemos em uma sociedade que se modifica “o que significa dizer que a violência é um conceito relativo histórico e mutável” (UNESCO 2005).

A pesquisa foi de grande relevância, principalmente ao mencionar o papel do coordenador pedagógico, visto que a compreensão da função agrega em muitos, falsos entendimentos. Pesquisar e trazer autores que abriram a discussão enriqueceu a temática.

A pesquisa propiciou um melhor entendimento da atuação do coordenador pedagógico no combate à violência, a somar a formação e reciclagem dos profissionais, a abertura da escola para a promoção de projetos que incentivem a cultura e o esporte, e a aceitação em considerar o educando como protagonista do conhecimento e diálogo.

Como a intenção deste trabalho não era esgotar o tema, ao contrário incitar a reflexão, e a continuação da pesquisa, ao menos para se obter um maior esclarecimento sobre este fenômeno que se manifesta através de incivilidade, agressões, *bullying* e até nas relações de poderes manifestadas em algumas escolas.

É importante a percepção e consciência que vivemos neste país em uma sociedade violenta, o que deve ser considerado por dimensões políticas e públicas.

5 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO. Instituto Ayrton Senna.UNAIDS. Banco Mundial. USAID. Fundação Ford. CONSED.UNDIME.2002

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Versão resumida. Brasília: UNESCO. Instituto Ayrton Senna.UNAIDS. Banco Mundial. USAID. Fundação Ford. CONSED.UNDIME.2003

ABRAMOVAY, M. AVANCINI, M. OLIVEIRA, H. **O bê-a-bá da intolerância e da discriminação**. Brasília, DF: Unicef, 2002.

BAFFI, Maria A T. **Modalidades de pesquisa**: um estudo introdutório. Disponível em: <http://usuarios.upf.br/~clovia/pesq_bl/textos/texto02.pdf> Acesso em : 08 de Agosto 2016.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 10 de set 20016.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. 2002. Disponível em:< <http://www.scielo.br/>> Acesso em: 14 de julho 2016.

DEBARBIEUX, Éric. BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONCALVES, Luiz A O. **Narrativas da violência no meio escolar: limites e fronteiras, agressão e incivilidade.** Pro-Posições - vol. 13, N. 3 (39) - set./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/39-dossie-goncalveslao.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2016.

_____. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil.** Cadernos de pesquisa, n. 115, 101-138, 2002.

GONÇALVES, L. A. O **Diálogo com docentes acerca da violência em meio escolar.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7182-4-7-artigo-mec-dialogo-acerda-violencia-luiz-alberto/file>> Acesso em: 21 de junho. 2016.

IBGE. **Pesquisa nacional de saúde do escolar.** 2012 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf>> Acesso em: 20 de julho 2016.

LIBÂNEO, J.C. **Pedagogias e pedagogos: inquietações e buscas.** Educar, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>> Acesso em: 14 de julho 2016.

LIMA, A.C; BERSANETTI, A.M. Articulação do trabalho pedagógico no combate à violência: uma experiência no curso de formação de docentes do colégio Estadual Campina da Lagoa-EFMPN Disponível em: <<http://www.scielo.br/>> Acesso: 10 de agosto 2016.

PEREIRA, Ana C S. Willians, Lúcia C A. **Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente.** Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>> Acesso em 02 de agosto 2016.

PRIOTTO Elis P. Boneti, Lindomar Wessler. **Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola.** Disponível em: < <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo>> Acesso em: 04 de julho 2016.

PRIOTTO Elis P. **Violência escolar**: Políticas Públicas e Práticas Educativas. Anais Educere. Curitiba-PR. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/108_54.pdf>

> Acesso em: 05 de julho 2016.

ROCHA, Camila, M dos R. Et al. **O diálogo e a ética contra a violência escolar**. Disponível em:< <http://npa.newtonpaiva.br/>> Acesso em 08 de agos 2016.

SCHILLING, Flávia. **Governo do Estado do Paraná**: violência e o desafio dos direitos humanos nas escolas. Disponível em: <[http:// docplayer.com.br/](http://docplayer.com.br/)> Acesso em: 15 de jul 2016.

SPOSITO, Marília P. **A instituição escolar e a violência**. In Cadernos de Pesquisa, 104, Fundação Carlos Chagas, 1998. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/spositoescolaeviolenca.pdf/at_download/file> Acesso em: 10 de set 2016.

TAQUES, M. F; CARVALHO, P. H. S; BÖNI, A. C. S. D; FANK, Elisane; LEUTZ, M. A. **O papel do pedagogo na gestão: possibilidades de mediação do currículo**. Secretaria de Estado da Educação – Paraná 2010. Disponível em:< <http://www.scielo.br/>> Acesso: 05 de agosto 2016.

UNESCO, **Cotidiano das escolas: violências**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/>> Acesso em: 12 de mai 2016.